

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO IMPERIAL: LIMITES E DISPUTAS DAS FRONTEIRAS ETNICAS. *Adenilson Costa da Cruz, Jocemar Paulo de Lima, Daniel Martins Hoffmann, Mara Rubia Scheffler de Souza, Anselmo Alves Neetzow (orient.)* (FACCAT).

Os Kaingang do Rio Grande do Sul não foram poupados pelas frentes colonizadoras e de modo especial pela Colonização Alemã. A mudança tanto do ponto de vista da etnia, como da cultura, não se deu em sua totalidade, ela se processou em certos aspectos, transformando um índio que possui uma pequena horticultura, além da caça, pesca, coleta, num agricultor aos moldes dos colonizadores. A colonização alemã agiu de uma forma intensa e drasticamente sobre a área Kaingang desde 1824 prosseguindo até 1846, dando uma trégua de dois anos, continuando de 1848 a 1874. Neste primeiro momento surgem as chamadas antigas colônias de São Leopoldo, São José do Hortêncio, Colônia do Mundo Novo (atual município de Taquara) e até a borda do planalto sendo colonizado por imigrantes alemães que impuseram sua cultura sobre uma que já existia, a cultura dos índios Kaingang, sofrendo assim, um processo de aculturação sem qualquer limite e respeito com a cultura dos povos que já habitavam este lugar. Ambas as etnias viviam numa situação bastante tensa, pois enquanto o colono tentava se estabelecer nas terras que lhe cabiam por determinação imperial, o Kaingang via a penetração efetiva nas terras onde havia nascido. Para acalmar a situação entre índios e colonizadores criaram – se os aldeamentos. Os resultados não foram satisfatórios, o resultado final da colonização para os Kaingang foi a colocação numa situação mais ou menos igual a dos períodos iniciais, ou seja, a necessidade de continuar a luta pela posse de suas terras frente a entidades econômicas de vários interesses.